

o rugido do vulcão amordaçado

um sismo se irradia no epicentro do fastidioso

sujeito fundido em condicionamentos apostos

flama da paixão em desaprumo no peito se impele:

um imprevisto fagulho de chispa intervém forças

a elementos internos remotamente embaciados,

sem matizes

propelidos aos apelos das contingências emergidas

de comiserados chamados ancestrais estremecidos,

escravizados

na sucessão de eras direcionadas a sufocamentos

de erupções periódicas em géiseres assopradores

de vilipêndios

das casas que efetuam amestramentos cromossômicos

à proeminências premiadas pelas aniquilações biliáticas

desígnios anuentes em ingestões periódicas de facciosismos,

atenuadores de vícios renitentes às dores de quem as padece

e quando chegar a hora apropriada expila

suas vozes na violência do vulcão rugiente,

sem avisos,

em recusas veementes às transitividades

vertidas na insurgente fúria do fluxo

piroclástico urgido em gozo quente

escamoteando dobras pegajosas

nas reentrâncias e subjacências

arrefecidas de estrelas recusadas,

transcendidas

ainda que a isto de todo necessário seja a

permanência por séculos vindouros inativo

equivalido à indefensa frialdade da brasa em luz

galvanizada na intransigência imutável do inumado

diamante

jus ao imortal prestígio de um artífice semi-ânime

gigante cristalizado em penhascos interinsulares:

os intransigíveis caracteres evocados do passado

de um insurgente buraco de caldeira amordaçado,

quase extinto

autoria: Alcaraz Camacho, poeta e escritor paulista, nascido em 1974